

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

MICHELE RODRIGUES DOS SANTOS

MEDEIA: DO MITO AO TEXTO CONTEMPORANEO DE HEINER MÜLLER: UMA
VOZ SUBVERSIVA DE MULHER

UBERLÂNDIA, 2018.

MICHELE RODRIGUES DOS SANTOS

MEDEIA DO MITO AO TEXTO CONTEMPORÂNEO DE HEINER MÜLLER: UMA
VOZ SUBVERSIVA DE MULHER

Monografia apresentada ao curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Teatro orientada pela Prof. Dra Rosimeire Gonçalves dos Santos.

Uberlândia, 2018.

Às minhas minhas avós

Das saudades que sentimos

Fica um pouco,

Fica um poço

Profundo

Cavado nas cores, nas dores da alma

As palavras falham

Tudo a volta se cala

De resto,

Resta

Olhos vermelhos

Um poço fundo de saudades.

Michele janeiro 2009

Agradecimentos

A minhas mães Luceli dos Santos, Elizabeth dos Santos e Maria Luzia, por terem me nutrido e me ensinado os primeiros passos da vida. Seus silêncios gritaram em mim. Mulheres da minha vida.

Aos meus professores, nem todos pude amar, mas a todos respeitei como meus mestres.

A Priscila Miranda por ser minha melhor amiga há 10 anos.

Ao meu companheiro Luciano, por dividir comigo a vida, seus livros, por me ensinar filosofia, me trazer vinhos enquanto me desesperava na escrita deste trabalho. E por ter há nove anos atrás, me apontado no céu cheio de estrelas as constelações do grande guerreiro Orion, e o Escorpião, que tenta eternamente alcançá-lo. O céu nunca mais foi o mesmo para mim.

Agradeço a minha orientadora, que chamo muitas vezes de my queen uma brincadeira também de sensei, de mestra, foram vários modos de chegar pelas palavras risonhas de brincadeira a um sentimento de imensa gratidão a Rose Gonçalves pelo que fez por mim e pelo meu trabalho sua contribuição em momentos de delírio e angústias me trazendo para um lugar mais seguro. Por um tempo me faltou palavras. Há gestos que não podemos expressar, há lugares nos meus sentimentos que as palavras demoram a chegar. Obrigada sensei.

RESUMO

Pretendo com este trabalho abordar a dominação masculina e a importância da mitologia na construção do patriarcado. Pelo prisma de Medeia, Pandora e Eva esses mitos configuram-se como arquétipos que habitam o inconsciente coletivo e, como modelos de feminilidade, estão no cerne da construção da nossa sociedade. No mito grego clássico e judaico cristão, as mulheres surgem em função do homem, secundárias a eles. Encontramos no mito de Medeia uma voz subversiva que desobedece em todos os sentidos as ordens patriarcais. Na expressão mais conhecida de suas facetas, surge como uma mulher as voltas com os tormentos do abandono, arrependimentos, e amores terríveis. Porém, essa personagem que inspira tantos mistérios, tem origem em mundos ainda mais antigos. Posso dizer que este trabalho é um encontro com Medeia na sua natureza mítica e transgressora. No mito, na tragédia e no texto contemporâneo de Heiner Müller.

Palavras-Chave: Medeia, Arquétipo, Subversão, Heiner Müller, Teatro, História.

Sumário

Considerações Introdutórias	06
1. Os arquétipos femininos na mitologia: Pandora, Eva e Medeia	07
1.1. Um retorno ao instinto, ao sangue, a terra, a noite e a escuridão materna	11
2. A Heroína e a subversão na tragédia: Medeia na perspectiva de Eurípedes	14
2.1. Uma voz feminina se eleva em Corinto	16
2.2. O diálogo com a tradição: Müller um diletante diacrônico	19
2.3. Um texto em fragmentos	23
2.4. MedeaMaterial	24
2.5. Margem abandonada	26
Conclusão: Onze	28
Referências bibliográficas	32

Considerações Introdutórias

O desenvolvimento deste trabalho é uma pesquisa bibliográfica e, também, um “flerte” com as ideias, com as palavras, inquietações, perguntas repetidas, sem pretensões de respostas exatas, que me acompanham e instigam a muito tempo por isso proponho uma leitura acerca da dominação masculina através da personagem trágica Medeia, envolvendo o teatro e as construções narrativas míticas que se dão na relação temporal entre o passado e presente. Para além disso, procuro fazer uma crítica às justificativas presentes nos mitos de origem gregos e judaico-cristãos para a existência de um pensamento que, historicamente, tem servido à ideia de superioridade do princípio masculino, e construído lugares pré-estabelecidos para nós mulheres, na nossa sociedade.

Por considerar que esses mitos fazem parte da construção da mentalidade das sociedades ocidentais, ou aquelas que por meio da violência adquiriram seus aspectos. E que nas profundezas daquilo que conhecemos e no fundo de tudo que somos, encontramos suas reminiscências no inconsciente coletivo.

A mulher sob a ótica do nosso século alcançou direitos enquanto sujeito social. Contudo, nos preocuparemos em refletir sobre as situações que se mantêm fixas, ao analisarmos a condição da mulher na ocidental.

Essa condição é marcada por um sistema político autoritário e preponderantemente masculino, que reflete as relações desiguais de forças materiais e simbólicas do todo social, e a condição feminina se revela sob aspectos paradoxais, em que o princípio da dominação masculina é facilmente compreendido e explicado sob o ponto de vista das religiões e da educação marcadamente patriarcais, inclusive sob a forma de violência expressa em simbolismos aceitos mediante um consenso histórico, transformado em uma ordem que não se preocupa em se justificar. E existe como anterior a nossa própria existência. E toda a realidade social está comprometida com sua manutenção.

As relações de dominação construídas historicamente também se constituem de exemplos de desobediência ao poder institucionalizado. Partindo dessa reflexão evoco Medeia, numa incursão aos lugares que essa personagem habitou e ainda habita. E vou do mito a tragédia ao texto contemporâneo de Heiner Müller. Enquanto arquétipo feminino, Medeia desobedece em todos os sentidos as estruturas do poder patriarcal. Transita entre mundos, sua voz ecoa dos lugares mais distantes e é para as mulheres que se dirige. Sua tragédia é a tragédia de todos os tempos. Sua história de negação da postura obediente que ainda hoje se espera da mulher, é a luta histórica das mulheres pela emancipação dos papéis secundários que nos relegaram.

Tanto no passado como no presente o patriarcado está sendo questionado. Os movimentos feministas têm crescido no nosso país e no mundo. É momento de nos unirmos em diálogos na busca pelo entendimento, a história está sendo construída. Um lugar em aberto, no trânsito entre passado, presente e futuro. A pesquisa deságua em Onze, projeto escrito para leis de incentivo à cultura da cidade. Que trata de uma peça que pretende revisitar Medeia na tragédia de Eurípides e no texto contemporâneo de Heiner Müller.

Capítulo 1. Os arquétipos femininos na mitologia: Pandora, Eva e Medeia

Tal qual Narciso vendo a si mesmo no seu eterno lago congelado, nos vemos refletidos nas figuras míticas, nesse mundo onírico de onde surge nossa realidade. As figuras míticas são as belas e intrigantes imagens construídas pelo misto de imaginação poesia e espanto dos seres humanos primordiais diante do mundo. E segundo Jung também são construtores dos símbolos e arquétipos que orientam a vida e captam os acontecimentos invisíveis da alma (JUNG, 2000, p. 16). São criação e transmissão de imagens que atuam na compreensão de uma realidade mais profunda que conferem a vida humana seus aspectos mais misteriosos. Pois nos chegam de lugares distantes, não alcançados pelas nossas pretensões racionais.

As ressonâncias dos símbolos e arquétipos produzidos pelos nossos antepassados estão nos modos tradicionais do nosso comportamento (BOURDIEU, 2012), na transmissão dos valores, por se tratarem de estruturas de pensamento reproduzidas e naturalizadas pelo todo social. Imagens existentes no inconsciente individual e coletivo. Sobre o uso do termo arquétipo, Jung afirma:

Para aquilo que nos ocupa, a denominação é precisa e de grande ajuda, pois diz que, no concernente aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos, ou melhor-primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos (JUNG, 2000, p 16).

As imagens femininas presentes nos mitos de criação grego e judaico cristão são arquétipos que se tornam padrões de comportamento pelos quais organizamos as nossas percepções da realidade, indicando que a vida prática e consciente repousa sobre algo mais profundo, um tilintar de ecos antigos que nos chegam de tempos imemoriais.

No universo simbólico que entremeia a realidade que construímos é a própria vida que se manifesta enquanto metáfora de si mesma. Pode parecer que estamos livres desses modelos mitológicos, no entanto, eles continuam atuantes na memória, resistindo quase que alheios as mudanças na consciência humana.

Pensar a relação que estabelecemos com o mundo dos arquétipos através das narrativas míticas e suas ressonâncias nos permite ver a nós mesmos na vastidão da história humana, como partes do todo. Dessa forma é possível ler a história e encontrar nela nossos próprios traços. E a possibilidade de ressignificação.

Nesta perspectiva busco nas representações femininas de Eva, Pandora e Medeia aquilo que se mantém na forma de Violência Simbólica e Dominação Masculina. Termos encontrados a partir da leitura da obra *A Dominação Masculina* do sociólogo e antropólogo Pierre Bourdieu.

Onde exatamente se inicia a dominação masculina? Eis um lugar encoberto pelas brumas do tempo. Todas nós ao nascermos encontramos nos modelos socialmente aceitos os espelhos que o poder patriarcal deseja nos refletir. O que me leva a revisitar tais mitos, é a percepção de que o mundo continua sendo governado pelos homens. A dominação masculina apenas reorienta suas características mais superficiais.

Nas origens da mulher presentes nessas narrativas, ressalto a persistência de um pensamento que explica o feminino relacionado à fragilidade. Paralisado, que nega o fluxo temporal e as mudanças que a luta histórica das mulheres vem causando na vida social.

No relato de Hesíodo em *Os Trabalhos e os Dias* (HESÍODO, 2012 p. 65), o mundo anterior ao surgimento da mulher era povoado apenas pelos homens e deuses. Não existindo fome, dor, guerra e toda sorte de infortúnios. O mundo era, então, um paraíso, os gregos mantinham sua crença na ideia do homem como o ser primordial. Por outro lado, a mulher surge como uma invenção, uma doce armadilha para os corações apaixonados, atraídos pela forma perfeita; a mistura de carne e beleza divina. O homem existe por si mesmo. Sua origem remonta a da própria vida na terra. Secundário aos homens surge as mulheres.

A primeira representação da mulher no mito grego clássico Pandora, chega ao mundo em silêncio, seus olhos fitando o nada. As deusas a ornaram de belezas sutis e perigosas. Suave e obediente sem existência profunda, um ser que não existe para si. Sobre sua criação, lemos que as

deusas a dotaram de todos os dons pertinentes a uma mulher feita para o sexo, a maternidade e o lar.¹

Assim cheia de encantos é enviada aos homens como o prelúdio de todas as desgraças. A forma como é criada sugere que a mulher é um ser à parte, destituído de feminilidade, um poder dado somente às deusas, que nada tem a ver com a existência das mulheres no mundo. Quer dizer, as deusas eram femininas as mulheres uma raça inferior, receptáculos do mal².

Eva, mãe da raça humana segundo a narrativa cristã canônica é tanto mulher quanto feminilidade. Ela encarna todos os perigos que guardam seu corpo e seu sexo. Eva, a mulher, a mãe de todos os pecados. Sua criação também é secundária; uma existência rasa, vida cheia de propósitos alheios, eco dos desejos e solidão de um homem. Eva se torna desobediente e fútil, vinda das profundezas de um sonho ou sono?! “A mulher, ele declarou: ‘Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos’. Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará” (BÍBLIA SAGRADA. Gênesis 3:16)

Pandora e Eva estão congeladas no tempo. A partir delas construímos nossas primeiras noções da mulher e do seu papel social. Os mitos de criação patriarcais nos indicam as origens da opressão e dominação do homem e suas justificativas. É certo que a dominação masculina precisava ser justificada também no mundo dos deuses, dos símbolos. Era preciso antes de tudo, que o primordial, a força criadora da vida também se apresentasse na forma de virilidade, masculinidade.

Apesar das lutas que nós mulheres travamos dia a dia pelos nossos direitos, pela emancipação dos papéis secundários, as ressonâncias dos mitos de origem do feminino construídos pelo patriarcado, reforçam um pensamento religioso que tende à perpetuação de um tipo de violência aceita e compreendida tanto por homens quanto por mulheres. A violência simbólica age como um mecanismo que historicamente tem sido responsável pela conservação das estruturas do poder patriarcal.

E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica.” (BOURDIEU, 2012, p 45).

1. Refiro-me a uma leitura possível do mito de Pandora presente em: Hesíodo, Os trabalhos e os dias. Curitiba, PR: Segesta, 2012. em <<http://www.segestaeditora.com.br/download/ostrabalhoseosdias.pdf>> acesso em 07/08/2018

2. SCHIMITT-PANTEL, Pauline- A criação da mulher, um artil para a história das mulheres? In: MATOS, Maria Izilda & SOIHET, Raquel. O corpo feminino em debate. São Paulo, Editora da Unesp, 2003, pp 129-156

Estes arquétipos femininos se mantêm presentes no cotidiano em forma de atualização. Na medida em que as sociedades atuais reproduzem comportamentos guiados por esses modelos. Quando as mulheres estabelecem suas relações a partir dos paradigmas construídos pelas religiões patriarcais, se tornam co-produtoras e reprodutoras da moral que as oprimem. Na forma de violência simbólica o patriarcado convence as próprias mulheres da necessidade de sua obediência.

Esse poder se revela primeiro enquanto um Deus masculino, depois, na forma de preceitos religiosos. Me perguntei por muito tempo se terá existido em algum momento do passado a experiência de um mundo cuja existência da mulher não tenha se realizado a partir, ou, em função do masculino. A luta das mulheres por igualdade de direitos tem lançado questionamentos sobre as instituições religiosas que ainda justificam as mazelas sociais ancoradas em dogmas.

Nesse lugar de questões ofuscadas pela mistura de revolta, amor e reconciliação é que evoco Medeia, para nos guiar pelas longas, sinuosas e antiguíssimas sendas que nos levam até suas origens mais profundas. Medeia é um arquétipo que nega a condição de obediência, a postura servil e inautêntica. Desobedece em todos os sentidos a ordem instituída pelo patriarcado. Suas histórias evidenciam um processo de mudanças de paradigmas.

A condição da mulher na sociedade é facilmente analisada a partir da leitura do jornal do dia, ou abrindo uma página de notícias recente na internet. É necessário questionar as explicações que transcendem o mundo. É no mundo que tecemos os processos de transformações sociais. A essência feminina pré-estabelecida anterior ao que a mulher faz de si mesma precisa ser entendida nas suas origens.

Podemos dizer que superamos o mito pelo triunfo da racionalidade. Que a consciência nos lança sempre a um passo a frente, na superação contínua dos antigos e velhos personagens da infância febril e cheia de monstros da humanidade. No entanto suas sobrevivências persistem, ainda que construamos a partir dos anteriores os nossos próprios. A ruptura não é total e tampouco linear, a estrutura racional que pretendeu romper com o universo simbólico do mito é cheia de fissuras, pelas quais gotejam o passado. Nesse sentido, Medeia é o passado que goteja e o presente que caminha.

1.1 Um retorno ao instinto, ao sangue, a terra, a noite e a escuridão materna

Gostaria de fazer uma pequena apresentação antes de adentrar no mito de Medeia, para fazer entender os motivos que me levaram a escrever a seu respeito. Não só isso, mas para dar talvez, um sentido mais pessoal à minha crítica aos modelos de feminilidade presentes nos mitos judaicos cristãos.

Tenho uma memória da infância muito recorrente, a imagem de mulheres orando e cantando um choro bonito e melancólico, o cheiro das velas, o ar quente do lugar, aquelas mulheres todas reunidas e minha avó no meio delas. No altar a virgem Maria segurando seu filho Jesus. Gostava de olhar para ela, a virgem Maria sempre me pareceu bonita, com seu rosto de traços finos, delicados e tristes.

A imagem da Maria segurando seu filho me intrigou e continua a me intrigar, aquele rosto não mudou. Maria continua para mim esse misto de beleza e dor. Pensei por muito tempo sobre Maria e Medeia, essas duas imagens se chocam, amo a virgem Maria, não poderia deixar de ama-la, vi seu sofrimento muitas vezes no olhar das minhas avós e da minha mãe.

Medeia por outro lado esteve presente em minha vida antes mesmo de conhecê-la. Aos quinze anos na ânsia de questionar o mundo voltar-me contra a religião ou seria contra Deus? E o rosto de Maria, além de triste, ia se tornando inaceitável.

Me voltar contra o Deus cristão, era como me sentir de alguma forma órfã, sem o chão que um dia ele havia me proporcionado. Nós que fomos cristianizados crescemos aprendendo a ter fé nesse Deus. Se um dia o mundo te faz perdê-la algo te escapa, a referência, o conforto que traz a certeza do sentido da vida, todo o esquema de dualidades que organiza o caos do mundo.

Os braços do Pai já não me alcançavam mais, era para a Mãe que me voltava, para a Deusa, ainda que não tivesse consciência de onde encontrá-la. A Maria segurando seu filho ganhava outros sentidos.

Uma questão muito relevante é pensarmos sobre a importância das narrativas míticas para a construção de um projeto de poder. E como as mulheres foram representadas ao longo da história dentro delas; para então chegarmos até as representações positivas do feminino nesse universo.

Foi a partir deste questionamento que encontrei em Medeia um símbolo de resistência; e comecei a segui-la numa incursão pelos lugares que habitou e ainda habita. Aqui minha leitura é ancorada na obra *Medeia: O Direito à Ira e ao Ciúme* (RINNE, 1999).

Medeia em grego Medeia também se relaciona etimologicamente com o nome da deusa Métis a raiz mais antiga desse nome se encontra na palavra *midomai* que no grego antigo significava meditação, realização do pensamento, e capacidade de aconselhar. (RINNE, 1999, p. 139).

Antes mesmo que os Aedos cantassem seu nome, Medeia “a do bom conselho”, já existia nos cultos pré-helênicos, seus dons eram relacionados ao ctônico, as profundezas da terra, ao sangue as trevas. Representada com seu caldeirão acreditava-se que por meio dele ela transformava morte e vida em seus contrários.

Ao lado de Hécate e Circe; Medeia era uma das representações da Grande Deusa entendida como a mãe de toda vida, que se expressava na terra através da natureza. Os ciclos de morte e renascimento eram os meios pelos quais agia no mundo dos humanos. Se manifestando em sua forma triádica como jovem donzela, a mãe madura e fecunda e a velha sábia. Nestas tradições Medeia estava relacionada ao seu aspecto invernal e severo de anciã.

Parece ter sempre existido sobre ela o encontro das dualidades, o sacrifício exigido em seu caldeirão para em seguida a vida ser restaurada, seu conhecimento das ervas que curam e das que envenenam. O encontro de polos contrários que não se excluem, mas se integram no eterno ciclo de morte e renascimento.

Medeia é um símbolo de transição. Na sua passagem do mundo dos deuses para o mundo dos dramas humanos, vemos sua imagem sendo transformada. A instituição do patriarcado é marcada pela queda da grande Deusa e o triunfo do deus Pai, o ventre paterno (VERNANT, 2000, p30).

O panteão grego instituiu uma nova ordem religiosa. As deusas que antes eram entendidas como manifestações de uma única divindade feminina passam a ser representadas em seus aspectos isolados e em relação a um deus masculino. Gosto do exemplo de Hera deusa da ginecologia, protetora da saúde das mulheres, dos partos, foi convertida na esposa ciumenta de Zeus, perseguidora das amantes do marido (RINNE, 1999, p 49).

Medeia transita entre mundos, como personagem mítica dos cultos pré-helênicos e depois sendo retratada como uma mulher capaz de cometer os piores crimes por amor e vingança. É desse

universo que ela chega aos teatros, numa das personagens mais enigmáticas da história da dramaturgia.

No mito dos Argonautas é apresentada como a princesa de Cólquida uma virgem ingênua ao mesmo tempo uma feiticeira poderosa. Apaixonada por Jasão, o herói que chega até as suas terras movido pelo desejo de conquista do velocino de ouro.

O mito se concentra na figura do herói e na sua bravura. Medeia, por intervenção divina, apaixona-se por Jasão. Convencida de que viverá uma história de amor se converte em sua protetora. Demonstrando seus conhecimentos nas artes mágicas ela prova que seus dons podem salvá-lo, tornando possíveis todos os seus feitos heroicos. É pelo uso dos poderes mágicos da princesa que o herói consegue o velocino e sua fuga de Cólquida.

No mito dos Argonautas ³encontramos sua origem no mundo mítico. Sua magia é poderosa. Enquanto sacerdotisa do templo de Hécate realiza ritual e encantamentos, faz uso de raízes e ervas para livrar Jasão da morte e dos inimigos. Seus conhecimentos são usados para conduzir Argos até seu destino. Conhecimentos que já sinalizam a convivência da mulher destinada ao amor e a sacerdotisa capaz de manipular a natureza segundo sua vontade.

Em Argonáuticas 4.50-53, Medeia é descrita como uma *φαρμακίς* habituada a buscar cadáveres e raízes maléficas para realização de feitiços. Nos *Rhizotomoi* de Sófocles (fr.534 Radt), ela recolhe ervas e raízes em ambiente noturno, enquanto profere gritos rituais.” (RODRIGUES, 2018, p. 231)

Sua feitiçaria contradiz nitidamente a imagem de uma virgem ingênua. Isto me faz pensar que onde quer que ela seja representada, sua natureza transgressora não pode ser negada. O medo que ela inspira faz parte da construção da imagem negativa das mulheres que conservaram apesar de todos os impedimentos sua conexão com as deusas e continuavam a representar à força do aspecto feminino ligado a natureza. Na Idade Média, esse medo foi apropriado pela Igreja Católica, sendo o responsável pela morte de milhares de mulheres no mundo.

Por mais que encontremos a tentativa de minimização da sua importância, em alguns momentos do relato mítico, sua presença é forte, ao ponto de seus poderes serem descritos como capazes de controlar o mar e os ventos. A ambiguidade com que é retratada é a luta para transformar

3. O mito dos Argonautas chegou de forma mais completa até nós no relato de Apolônio de Rodes, e faz parte de tradições anteriores a escrita do autor ver referência em: CALDAS, Thais Evangelista. “Os Argonautas, de Apolônio de Rodes, e a tradição literária”. Disponível em <<https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox?projector=1> > acesso em 06/07/2018.

uma figura feminina dotada de uma natureza indômita em obediência, desta forma, moldando suas características aos ideais de mulher aceito pelo patriarcado. A ideia construída em torno da figura dessa mulher feiticeira no mito dos Argonautas é importante para o entendimento da sua passagem para a tragédia de Eurípidés (RODRIGUES, 2018; RINNE, 1999, p 16).

Pois a princesa de Cólquida fugirá de sua terra, deixando para trás seu irmão morto, assassinado por ela, e seguirá rumo a Corinto. Na tragédia, todo o místico mundo de Medeia é traduzido na imagem de uma mulher que reflete sobre sua condição. Com tamanha lucidez, ela narra as mazelas da parte esquecida da sociedade grega daquele período.

A importância e dimensão dessa personagem vêm ganhando vidas ao longo de milênios em cada adaptação ou releitura. Não importando a época, ela é a imagem da mulher que ousa romper com lugares socialmente estabelecidos.

Enquanto Eva e Pandora são as representações da obediência. Medeia é inversamente proporcional. Refletir a história da dominação masculina sob o prisma dessas representações femininas. E trazê-las como referências para a construção deste trabalho tem sido uma busca pela compreensão acerca dos temas que ainda podemos abordar a partir destas personagens tão importantes para a história do conhecimento ocidental.

Ao seguir seus passos pelo mito, na tragédia e no texto de Heiner Müller pretendo alcançar sua potência enquanto material para uma proposta de criação cênica. E a partir de Medeia questionar mais uma vez o papel construído para as mulheres na nossa sociedade.

Capítulo 2. A Heroína e a subversão na tragédia: Medeia na perspectiva de Eurípedes

A tarefa de discorrer sobre Medeia na perspectiva de Eurípidés é difícil. Não por faltarem escritos a esse respeito, ao contrário, os encontramos em abundância, muito se tem falado sobre as inquietações que essa personagem gera.

Ao longo de toda a pesquisa na tentativa de capturar talvez, algum elemento sutil que tenha escapado ao meu olhar durante as leituras sobre a passagem de Medeia por tantos lugares; do mito a tragédia e da tragédia ao texto contemporâneo de Muller. Entendi que melhor seria falar o inevitável, aquilo que salta aos olhos sempre que nos deparamos com sua história.

As regras e definições estabelecidas por Aristóteles (2007, pp 10-30) presentes na Poética quanto a tragédia, ou melhor, sobre aquilo que a faz cumprir sua função social, são claras. O herói trágico símbolo da fragilidade humana perante as paixões, percorre todos os caminhos que no final o levarão de encontro ao seu destino. Uma vez que as Moiras tecem os seus longos fios, esses, jamais poderão ser emendados. Ele cometerá sua hybris e sofrerá a peripécia, tomará consciência da sua situação pelo reconhecimento, e por fim, restabelecerá o equilíbrio de sua humanidade imperfeita com a ordem cósmica, gerando a catarse.

Entretanto Medeia não configura um modelo socialmente aceito, como a figura do herói suas ações não poderiam gerar catarse, ela não parece estar sujeita as consequências de suas ações. Não há limite para sua raiva ou para seu amor. Não há meio termo. O equilíbrio só é estabelecido pela vingança. Sua reconciliação não é encontrada no perdão ou punição pelas suas desmedidas (SOUSA, 2011).

Da fuga de Cólquida até a sua chegada em Corinto, Medeia delineia sua história de subversão da ordem. É para o interior da vida de uma mulher que o público é levado e nos vemos no emaranhado da sua loucura, paixão e transgressão.

Transitando os lugares mais sombrios e poéticos ela nos é apresentada de forma dúbia, suas atitudes e sentimentos são escorregadios. A Medeia de Eurípides é a estrangeira que traz consigo as reminiscências de um passado bárbaro, ressaltando a crise de uma época (SANTOS, 2005), fazendo vir para a superfície as contradições mais profundas daquela sociedade que ainda viam nos deuses o ideal de “homem”, ao passo que estes mesmos deuses eram humanizados. Uma crise instaurada entre o Mito e o Logos.

Se movimentando entre a fragilidade de uma mulher amargurada e vingativa e a feiticeira portadora de poderes sombrios e perigosos, representava uma dupla ameaça. Sem pertencimento, sem raízes naquele povo, nela o medo do feminino se cristalizou. O Medo que é esse, dos valores construídos se diluírem no choque com o diferente. Medeia não era grega, não seguia os mesmos preceitos religiosos e acima de tudo, não obedecia às regras sociais impostas às mulheres.

Todo horror e simpatia que ela inspirou, evidenciaram as fraturas do ideal grego que pretendeu e ainda pretende elevar o humano, pela afirmação do controle das paixões e a repulsa aos excessos. Um ideal que se concretizava na figura do herói que não deveria ser nem bom nem mal, mas, deveria estar no meio termo entre a paixão e a virtude de poder controlá-las.⁴

4. A referência deste parágrafo são reflexões feitas em longas conversas com meu companheiro Luciano sobre a filosofia de Aristóteles e suas reverberações na construção do pensamento cristão ocidental.

O que vemos são os papéis invertidos, o herói é destituído do seu lugar e da sua responsabilidade de aproximar os humanos dos deuses, enaltecer o belo e trazer aos mortais um lampejar de perfeição.

Jasão ao lado de Medeia é um homem débil, muito distante da bravura heroica ressaltada no mito dos Argonautas. É a voz de Medeia que se ouve, o herói não ocupa seu lugar de importância.

Ela narra suas hibrys e suas desgraças, porém não pede perdão ou trepida. E dessa forma Medeia nos faz sua denúncia da condição da mulher e pela primeira vez uma voz feminina é ouvida em Corinto.

2.1 Uma voz feminina se eleva em Corinto

E então tu tens medo de mim? Medo de sofreres algo desagradável?

(Eurípedes -Medeia)

De algum lugar do tempo Medeia chora seus mortos, seus amores, as dores de todos os seus partos. Seu trono usurpado, seu leite derramado... ainda podemos ouvir sua voz lutuosa. Três vezes amada, três vezes mãe, três vezes mulher. Ela que outrora carregou consigo todas as curas. Filha do sol, deusa da lua. Medeia de faces ocultas, Medeia quem és tu?

Minha leitura do texto de Eurípedes é um exercício imaginativo antes de tudo. Tento ver Medeia e descrevê-la, sua imagem, sua voz nitidamente audível. A vejo a na sua revolta lutando contra os desejos que logo a vencerão. Rodeada pelos filhos olhando-os numa despedida sem palavras. Vou e volto do seu mundo na tentativa de entender o complexo universo da mulher e sacerdotisa de Hécate.

A tragédia começa com as palavras da Ama nos conduzindo até uma mulher mortalmente triste. Ela se encontra deitada imóvel na sua dor. Como o anúncio de uma grande tormenta, Medeia surgirá vestida de morte.

Demora até que a sua voz seja ouvida pela primeira vez. É a Ama que nos apresenta toda a situação; relata e lamenta a chegada da Nau Argos em Corinto, condena a traição de Jasão e as injustiças das quais Medeia é vítima. Depois de abandonar sua terra e derramar o sangue do irmão, por amor. O amor é um prolongamento de sua fúria.

A Ama continua o seu relato e vemos Medeia em seus detalhes e toda a realidade a sua volta. Somos levados para o interior da sua casa, nos sentimos próximos dela, e podemos vê-la em seus lamentos. Somos constantemente avisados que algo terrível está pra acontecer.

Ela está sentada diante de um espelho. Penteia seus cabelos devagar, seu vestido preto de rendas delicadas está desalinhado, percebe o quanto envelheceu de repente, seu rosto emagrecido resalta ainda mais suas cavidades, mas, seus olhos não. Os olhos de Medeia não aparentam idade alguma e seu olhar é de uma fúria impiedosa.

Para Medeia é imperdoável que ele se case com Creusa a filha de Creonte, quebrando todos os juramentos por ambição. Jasão, um homem ignóbil, que se casa por motivos torpes. Do amor por este homem ela entende bem. Seu amor, essa coisa danosa e sagrada.

Ainda que para as mulheres fosse dada a ordem de perdoarem, de se calarem diante dos homens, de suas traições e dos seus mandamentos. Uma mulher comum nesta sociedade logo se fecharia em casa se resignando, com a vergonha de ter sido rejeitada. Medeia escolheu pela vingança.

Seus filhos brincam saindo e entrando na casa, alertados para não chegarem perto da mãe. Medeia é como um animal ferido na alma. A Ama e o Coro lamentam o que ainda está por vir, todos temem o que pode fazer, perigosa Medeia, deprimida e corroída pela dor. Mas logo a ouviremos pela primeira vez.

Sua voz ressoa em Corinto. É para as mulheres que Medeia fala. A sua denúncia é sobre a condição de todas elas. Como se tivesse sido acordada de um sono, ela revela sua mágoa, sua raiva e sua vingança. E chama todas as mulheres da cidade para ouvi-la:

Saí de casa, ó mulheres de Corinto, para que nada me censurei. Porque eu sei que muitos dentre os mortais são arrogantes, uns longe da vista, outros à porta de casa; outros, atravessando a vida com passo tranquilo, hostil fama ganharam de vileza. (EURIPIDES, p.11)

Ela começa falando sobre ser mulher e esposa em Corinto. Que é suportar uma vida de silêncio ao lado de homens que mesmo em matrimônio *são déspotas dos seus corpos* (EURIPIDES, p.13). O casamento sendo para elas o mesmo que a prisão. Nada pertence a essas mulheres, nem suas próprias vidas. Primeiro os seus pais são seus donos, depois, seus maridos.

Precisam a todo custo aprender a serem boas esposas. Convertem-se em advinhas dos desejos do homem. Condenadas a serem mães e esposas, nada mais. É assim que todo o contexto no qual as mulheres viviam é delineado.

Medeia fala sobre ser estrangeira em terras gregas. Estranha aos olhos de todos, além de ser mulher não era filha da cidade. Não poderia ser defendida por ninguém, estava á margem. Somos confidentes da sua vida, de seus sacrifícios, crimes e paixão.

Mais uma vez transita entre a fragilidade de uma mulher amargurada, vingativa que guarda características divinas embora seja a sua natureza humana a mais ressaltada.

O mal que Medeia representa em Corinto é uma ameaça contra a ordem das coisas. Uma mulher vinda de outro país, portadora de conhecimentos há muito esquecidos, perita em venenos, desobediente e vingativa. Todas as qualidades que não cabiam no ideal de feminilidade. Para uma mulher caberia lhe muito bem, uma coroa de flores e o silêncio.

Creonte a teme, prevê que o matrimônio de sua filha com Jasão não ficará impune. Logo Medeia será expulsa e ao desobedecer ao rei, ela não se volta contra um único homem, mas, contra todos os outros homens de Corinto.

Ousando ficar de pé diante do poder institucionalizado. Demonstrando os sentimentos que desperta nos homens que acercam. Não é só o medo da estrangeira, mas o medo de uma mulher capaz de exercer um poder cujas dimensões eles ignoram.

A feiticeira de Hécate desperta o medo do autoritário Creonte. Tudo está muito bem orquestrado. Na sua teia de pensamentos Medeia tece sua vingança. Consciente da sua condição, o Coro junto dela lamenta suas intenções.

“Que ninguém me considere inferior ou débil, amante do repouso, mas do tipo oposto...” ao dizer estas palavras ela dá início aos seus planos. Medeia está agora refeita, resgatará sua honra. Aqueles que trouxeram para sua vida tanto sofrimento não ficarão impunes.

A vemos longe de todos sussurrando para si mesma. Sua sabedoria será posta a prova. Caberá a ela executar uma vingança que jamais será perdoada por ninguém. Matará Creonte e a filha de Creonte, e depois os seus próprios filhos com suas mãos de mãe, mãos que os trouxeram ao mundo e balançaram seus berços por tantas noites.

Seu presente para a noiva de Jasão, um vestido de noiva em chamas. A perita dos venenos cumpre sua vingança matando a filha e depois o pai. Poderia fazer o mesmo com Jasão, esse, porém, será condenado a viver com as mãos sujas do sangue que Medeia derramou.

Os filhos são o elo com Jasão e Corinto. É preciso cortar o elo para que ela possa resgatar a si mesma do tálamo maldito. Nos filhos vê a continuação do Pai e de suas misérias. Mesmo isso não faz com que sua escolha seja tomada sem profunda angústia. A despedida que já vinha acontecendo há dias chegará ao seu fim.

Tudo em seu universo é complexo. Medeia ama os filhos. Seu amor também é o prolongamento de sua dor. Desgraçada Medeia, suas mãos de mãe, mãos assassinas! *“Oh! Desventurada que eu sou, por ser tão indomável! Não era para isto que eu vos tinha criado, ó filhos, não foi para isto que eu sofri trabalhos e passei torturas, suportando as dores agudas de dar à luz.”* (EURIPIDES, p 21)

Sua vingança inevitável não se realiza sem seu sofrimento. Mas não sairá humilhada de Corinto e tão pouco entregará os filhos nas mãos do inimigo. Se a morte para eles parece irremediável que ela mesma feche seus olhos pela última vez.

Deixai-me, ó filhos, deixai à vossa mãe apertar a vossa mão direita. Ó mão tão querida, ó boca mais cara de todas, e figura e rosto nobre dos meus filhos, gozai de felicidade, mas lá; que a daqui vosso pai vo-la tirou. Ó doce abraço, ó terno corpo e sopro suavíssimo dos meus filhos! Ide, ide... (EURIPIDES, p 38)

Com os corpos dos filhos nos braços, ela anda os passos dolorosos de quem sepultou os próprios sonhos. Para o templo de Hera Acraia serão levados, lá serão realizados ritos sagrados em honra dos filhos mortos em defesa da mãe.

Sem arrependimentos e sem perdão. Não desobedeceu ao destino, fez ela própria o seu, a fúria dos deuses jamais estarão sobre Medeia. Em seu carro puxado por serpentes aladas ela voa nos céus, novamente para seu mundo, novamente para sua Deusa.

2.2 O diálogo com a tradição: Müller um diletante diacrônico

O passado, individual e coletivo, precisa mais do que nunca ser invocado, e muitos fantasmas, mais antigos e mais recentes, hão de fazer a sua aparição. “É preciso aceitar a presença dos mortos como parceiros de diálogo ou como

destruidores – somente o diálogo com os mortos engendra o futuro”

Heiner Muller/Koudela 1997 p. 184.

Quando comecei a pesquisa para este trabalho encontrei em Heiner Müller um poeta e dramaturgo que toca em minhas inquietações sobre o Tempo. Sobre a História, e seu manto implacável. A dramaturgia de Müller se tornou uma paixão inevitável entre um gole e outro de vinho e uma dor no estomago. Alguns momentos de angustia e silêncios demorados diante da beleza de sua poesia. Suas palavras nos convidam para dançar, embalados pelo caos das suas entrelinhas.

O diálogo com a tradição acontece quando ultrapassamos as noções comuns de linearidade que nos faz acreditar que o tempo cronológico corresponde a toda a realidade possível. Nos movemos além. Entre presente, passados e futuros possíveis. E o presente, uma dádiva escorregadia.

As entrelinhas de Heiner Müller é uma profunda reflexão sobre as tragédias do nosso tempo. È no encontro com o passado e com os “mortos” que se estabelece um diálogo com Eurípedes. E ao retratar esses personagens do passado o que Muller pretende é falar sobre a história e sobre o que persistiu e ainda persistirá. Como nas palavras de Koudela:

A obra de Heiner Müller mostra um autor cujo traço é marcado pela reescritura de literatura. O “diálogo com os mortos” se faz como numa via de mão dupla, na medida em que, participando na história da recepção de literatura, o texto convive também com a posteridade. (KOUDELA, 1997, p.185)

Enquanto o poeta Eurípedes viu surgir os impérios da razão, Muller viu a sua crise. O esclarecimento, a técnica como promessa de emancipação e autonomia do intelecto falhara em sua missão salvífica da humanidade. As relações de extrema violência entre os indivíduos e os mecanismos de poder, o esfacelamento das certezas, a guerra, a decepção diante do fracasso do socialismo, e a luta de classes são o pano de fundo do seu trabalho (MÜLLER, 1993).

Sua dramaturgia não está fincada em adaptações, seu interesse está em buscar nas profundas camadas dos mitos e personagens trágicos o substrato de toda nossa violência. É preciso desenvolvermos uma consciência da história para então nos colocarmos enquanto sujeitos.

A reflexão parte do presente, pensando o teatro entre o sujeito e a história. Neste lugar que e configura em transmutação. Sendo assim seu flerte com o passado não é mera montagem ou clonagem do vivido. Antes disso exige a própria experiência social que transforma as ações do presente em relações de tensões. É nesse lugar que o teatro enquanto potência de transformação acontece⁵.

Dessa forma o teatro é a narrativa no interior do conflito social. O resultado das tensões que são as forças geradoras da consciência. É preciso ler a História, nos reconhecemos nela nos encontrarmos no dinamismo dos acontecimentos. Aí está a possibilidade de transformação na tomada de consciência do sujeito.

Esta concepção ou entendimento da história e do sujeito dentro da história possibilita a tensão na narrativa. É necessariamente no intervalo entre sujeito e história, na tomada de consciência dos longos processos históricos que Müller pensa sua dramaturgia. No conflito essencialmente tomado por um aspecto diacrônico⁶. Não encontramos aqui anacronismos, uma vez que Müller não julga o passado com o olhar do presente, não se trata da apreensão do passado tal qual ele foi e sim de compreender o fundo movediço por traz dos seus discursos de poder.

Não existe um lugar estático e nem uma reprodução da imagem congelada do passado que possa ser representada no presente. O que podemos ver é uma dramaturgia que leva em consideração a própria noção de conflito como lemos em Galisi Filho:

História para Heiner Müller significa a apreensão vital e orgânica desse dinamismo, do entre choque de suas camadas, configurando, enfim o intervalo em que a percepção individual atinge os movimentos de conjunto e é por eles transformada. “O espaço-tempo da arte está entre o espaço do sujeito e o espaço da História”. A diferença é um teatro de guerra potencial (GALISI FILHO, 1995, p:13).

5. GALISI FILHO, José. “A constelação do zenite: imaginação utópica e histórica em Heiner Müller (anos setenta e oitenta)”, p. 13 – 117. Disponível em < <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270158>> acessado em 25/07/2018

6. O termo foi primeiro utilizado por Saussure para designar as transformações da língua ao longo do tempo, aqui o termo Diacronia é uma extensão para a antropologia e sociologia que quer dizer o estudo dos fenômenos culturais sociais conservados em sua ocorrência e evolução através do tempo. Conforme dicionário Michaelis <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=RW3p>> consultado em 11/08/2018

O teatro no fluxo temporal, sem desprezo pelo passado sem fuga do presente, aqui o debate político se move. A diacronia presente na obra de Müller é a construção de um teatro que reflete os conflitos da condição humana.

Para o melhor entendimento deste capítulo, se faz necessário uma pausa filosófica sobre como a História influencia a obra de Müller, e sua relação com a filosofia de Walter Benjamin. Não me demorei, é uma visita breve á uma das suas mais importantes influências.

Se revisitarmos o passado e dele extrairmos objetivamente uma narrativa, necessariamente mutilaríamos o fazer artístico na sua possibilidade de ressignificação. Por isso ao retomar a tragédia, Müller não conserva, ou rememora, sua releitura serve á uma reflexão de temas que pertencem a todos nós, o princípio da guerra, a morte, a vida em suas minúcias violentas.

Ao analisar os escritos históricos dominantes o filósofo Walter Benjamin defende que aqueles que escreveram a história, deixaram de lado fatores importantes. Sendo assim, o passado é um lugar em aberto, ainda há questões não resolvidas que caminham os mesmos passos que caminha a humanidade (ARRIADA, 2003, pp 195-209). A ideia de uma continuidade temporal me gera um questionamento sobre o termo ruptura.

Entendo ruptura como numa imagem de uma linha sendo cortada, a linha ou seta temporal é onde estabelecemos nossas noções de linearidade, e entre um lado e o outro passa existir um hiato, a cisão. Deve haver pontes que possamos transitar. O hiato não parece corresponder a uma realidade em movimento. Entre um lado e outro dessa linha, seta temporal, estamos todos nós. Participando da história imbuídos de subjetividades que se chocam nos percursos dessa construção. O passado é material de transformação no fluxo temporal, no sentido da diacronia presente na obra de Müller, portanto devo dizer, que a palavra ruptura continuará sendo para mim motivo para pesquisa e tentativa de compreensão.

Quando Müller afirma: “minha relação com materiais antigos é como uma relação com a posteridade, e se você preferir, uma relação com os mortos” (GALISI FILHO, 1995: 116). Ele afirma justamente a mesma concepção que Benjamin possui da história como um lugar de trânsito, de relações entre passado, presente e futuro. Nesta perspectiva a ruptura perde o seu tom de desligamento total. E podemos nos ver na vastidão da história humana, sem passados estáticos ou presente linear. Tudo está em movimento no fluxo temporal. Somos o resultado de um processo que não sabemos exatamente onde começou e tampouco onde terminará. O lugar da dúvida quanto o inicia e o fim das coisas são perguntas que permanecem sem respostas, nos indicando que a vida continua em seus mistérios insondáveis.

2.3 Um texto em fragmentos

O que vem a seguir é uma leitura referente a obra que entremeia todo este trabalho: *MedeaMaterial* e *Outros Textos*. O esforço é para expressar um entendimento acerca da escrita de Müller o que certamente não é tarefa fácil. O universo de sua dramaturgia soa como um choque iniciático.

Sua escrita não obedece a estrutura dos textos teatrais em que os personagens estão devidamente colocados em seus diálogos. Não encontramos facilmente o fim de uma fala e início de outra. A ausência de pontuação confronta o leitor habituado a ser levado ao entendimento pelas regras semânticas.

Um dos elementos que nos situam na cena contemporânea é o questionamento do papel do texto no processo de criação. O império da palavra cede espaço para outras formas de manifestações da fala. O teatro na perspectiva de Müller acontece nos espaços que permitem o convívio de textualidades, visualidades e corporalidades que servem á uma aproximação do teatro com a realidade social. Isso fica claro nas recomendações que o próprio autor faz, indicando que a cena de *Margem Abandonada MedeaMaterial Paisagem com Argonautas* pode ser apresentada durante o funcionamento de um *Peep Show* por exemplo (MULLER, 1993, p.23).

Seus textos capturam aquilo que tem sido matéria da história. A história entendida como uma narrativa contada por aqueles que detém o poder. Os que venceram as guerras do passado. Ele procura deslocar os papéis do sujeito construído pelas narrativas clássicas, invertendo a ordem de legitimidade dos discursos. O teatro político de Müller acontece sob o ponto de vista das minorias e da luta de classes. E reflete sua angustia frente as atrocidades dos regimes totalitários a minimização da condição humana, a transformação da vida em mercadoria.

A sua dramaturgia está na tensão entre o texto e suas possibilidades de apreensão. A palavra sendo entendida em seus aspectos mais profundos como desarticuladoras de estruturas convencionais. Müller não sugere que a solução para um conflito surja entre o espectador e o texto. O que ele espera é que o espectador seja criador dos significados possíveis. Sua preocupação é com a liberdade e a possibilidade de outras dramaturgias surgirem a partir do seu texto, na perspectiva de um teatro dialógico como prática de reflexão social⁷.

7. Cf. GOMES Pestana Ana Beatriz: Um teatro filosófico e uma filosofia teatral Heiner Müller e Hannah Arendt p. 28

Um teatro pensado no conflito sempre atualizado do sujeito com o passado, presente e futuro. A noção de tempo na dramaturgia de Müller provoca o questionamento da linearidade enquanto ilusão. O sujeito dentro da história convive com os destroços de todas as guerras do passado. O sujeito está em constante decisão.

A noção de teatro dialógico também se estabelece na comunicação através das imagens que nós mesmos produzimos na leitura de seus textos. Desse modo nos relacionamos com sua obra, nos tornamos criadores dos seus possíveis destinos. Müller descreve imagens que funcionam como provocações, nos permitindo adentrar o texto e nos colocarmos nele. Pois é preciso imaginar o lugar descrito, ir até ele e nos confrontar com os lugares da nossa imaginação que dizem sobre nós, no choque entre subjetividade e realidades sociais.

Para pensarmos melhor a relação entre público e texto, texto e imagem, imagem e cena na sua dramaturgia nos apoiaremos nas palavras do autor quando diz: “Da tensão entre palco e plateia, única fonte de vida da dramaturgia, é que vai depender se vamos ter uma dramaturgia ou não”. (Müller 1993 p. 89) .

Na sua busca pelo que continua sobrevivendo a passagem do tempo, somos capazes de perceber convivências, presenças, dos temas que estão explícitos ou implícitos nas questões históricas e políticas que permeiam o universo das obras com as quais flerta em suas releituras.

Da tragédia de Eurípedes reconhecemos aquilo que é mais básico. Os personagens estão diluídos nos conflitos sociais. A tragédia se concentra na condição da mulher e na luta de classes a tragédia é de toda humanidade.

2.4 MedeaMaterial

Hoje é dia de pagamento Jasão hoje tua Medeia cobrará suas dívidas

Heiner Müller-Medeia

O primeiro fragmento em forma de poema é a descrição de uma paisagem suja. A nau Argos símbolo da guerra. Seus tripulantes soldados do exército inimigo; poderia ser a segunda guerra mundial ou a guerra da Síria. As guerras em qualquer lugar do mundo ou época deixa os mesmos

vestígios de misérias humanas. Enquanto princípio que alimenta um sistema perverso continua deixando corpos entre entulhos fétidos como na fala de Müller “*A juventude de hoje fantasmas Dos mortos da guerra que acontecerá amanhã*”⁸. (MÜLLER, 1993).

Vemos a exposição da nossa condição biológica. A vida não na sua falta de sentido, mas no seu sentido mais deplorável. A paisagem dos corpos destruídos pelos tanques, sangue, sêmen, cuspe, vísceras, corpos abjetos entre lixos industriais. A materialidade da cena é a tragédia como um resultado da própria condição humana. O progresso e a deterioração convivendo no mesmo lugar.

O fragmento nos leva até as entranhas de uma guerra que aconteceu ontem ou será amanhã? É tudo aquilo que fica depois dos bombardeios. Argos está no presente e a luta não é pelo velocino de ouro. Toda a mística encontrada na tragédia de Eurípides é traduzida no conflito social que as guerras destrincham. A tragédia de toda humanidade está assim, nas entrelinhas dos discursos daqueles que conquistaram e dominaram pelo uso e legitimidade da força.

No cenário de miséria e violência surge uma presença questionadora. Uma mulher fala mais uma vez, sobre amor, vingança, e tirania dos homens. O segundo fragmento começa com três vozes, Medeia, Ama e Jasão, porém é um longo e poético monólogo que toma conta da “cena”. Um monólogo em que Medeia descortina a história de ocupação de um território, a Cólquida.

O sangue derramado de seu irmão, a traição de Jasão; sua fala direcionada muitas vezes ao público. Suas palavras são violentas, escatológicas a estrangeira convive com as imagens de morte e a trilha de sangue deixada pelos argonautas. Seu povo vencido, sua pátria expropriada, vozes abafadas pelos motores dos aviões O ouro de Cólquida roubado, as mulheres estupradas e Medeia mais uma vez em fuga. Os temas que a acompanham são visíveis, continua sendo a condição social da mulher. As questões ligadas a maternidade, o envelhecimento enquanto fim da feminilidade a necessidade de autoafirmação e luta pelo direito a dignidade em um contexto de crise social. A dominação masculina enquanto prática que atravessa o tempo.

A poesia de Müller é desalento não nos oferece saídas, é pura vertigem do pensamento. É assim que ele nos mostra sua Medeia e seu diálogo com o presente. Sua tragédia é a de muitas outras mulheres, e nela percebemos as formas de opressão e seus contextos históricos.

Em vários momentos sua fala é destinada ao público, ela fala de si mesma, é a sua voz que reina impiedosa; não temos a presença constante de Jasão ou Ama o Coro é totalmente suprimido.

8. A partir deste ponto do texto, todos os fragmentos destacados em itálico são da peça *Medea* de Heiner Müller, extraídos da seguinte edição: MÜLLER, Heiner. *Medeamaterial e outros textos*. Trad. Fernando Peixoto. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1993.

Narra com requinte todo o seu mundo, sua fala é constantemente entrecortada pelo diálogo com o público “*Ela queima Rides Quero ver-vos rir Meu espetáculo é uma comédia Rides*”.

Em outro momento parece ler o caos do mundo e compactuar com ele sua fúria é a consciência de suas desgraças: “Partir em duas a humanidade eu quero E no meio vazio habitar.” O monólogo não traz detalhes do destino dos filhos, não ficando claro se Medeia realmente os mata. Apenas sua dor é evidente, sua dor, sua revolta e sua vingança. O monólogo termina com uma pergunta de Medeia para a Ama: “*Ama conhece este homem*”. Indicando que sua força está restabelecida, ela não o reconhece mais, “*Não tendes mais sangue. Tudo agora silêncio Os gritos da Cólquida também emudecidos e nada mais*”...

O terceiro fragmento começa com um monólogo, dessa vez de Jasão. Até que não percebemos mais a presença de um eu; Jasão é diluído nas imagens que construímos. O eu é coletivo. Num ensejo a imaginação; novamente Müller descortina cenários angustiantes, a tragédia política dos povos está ali. As palavras remetendo a uma profunda solidão diante de uma morte iminente. Sua poesia é a extensão lírica das suas ideias, a poesia da catástrofe, contra a opressão, a massificação e inanição do pensamento crítico.

2.5 Margem abandonada

Lago em Straussberg Margem abandonada vestígio

De argonautas de testa chata

Cerdas de junco Galhos mortos

ESTA ÁRVORE NÃO VAI CRESCER POR CIMA DE MIM

Cadáveres de peixes

Brilham na lama Caixas de biscoito monte de excremento

Jontex Belmont

Absorventes rasgados Sangue

Das mulheres de Cólquida

MAS VOCÊ TEM QUE TOMAR CUIDADO SIM

SIM SIM SIM SIM

BOCETA SUJA EU DIGO A ELA ESTE É MEU HOMEM

ME FODE VEM DOCINHO

Até que a Argo destrua seu crânio O navio não mais usado

Pendurado na árvore hangar e lugar de defecação dos abutres

à espera

Acocorados nos trens Rostos de jornal e cuspe

Um membro nu em cada calça olha a carne laqueada

Sarjeta que custa o salário de três semanas Até que o verniz

Estale Suas mulheres esquentam a comida penduram as camas

nas janelas escovam

O Vômito dos ternos domingueiros Canos de esgoto

Expelindo crianças em levas contra o avanço dos vermes

Aguardente é barata

As crianças mijam nas garrafas vazias

Sonho de um monstruoso

Coito em chicago

Mulheres lambuzadas de sangue

Nos necrotérios

Os mortos não olham pela janela

Não tamborilam na privada

È isso que eles são Terra cagada pelos sobreviventes

ALGUNS PENDURADOS EM POSTES DE LUZ LÍNGUA DE FORA

Na barriga O LETREIRO EU SOU UM COVARDE

Mas no chão Medéia o irmão despedaçado

Nos braços A perita

Dos venenos

Onze

Meu encontro com a dramaturgia de Heiner Müller aconteceu no segundo semestre de 2017. Quando recebi de uma amiga Rubia Benasci uma cópia do livro *MedeaMaterial e Outros Textos*. Na ocasião discutíamos a possibilidade de uma montagem cênica sobre Medeia e já tínhamos combinado que começaríamos leituras de textos e ensaios ainda naquele semestre. O que não se realizou.

Um primeiro encontro desconcertante. A leitura foi exatamente como descrevi anteriormente. Müller exige de seus leitores a libertação do entendimento pelas regras semânticas. A ausência de pontuação foi para mim um enorme obstáculo ao entendimento, ainda sou uma leitora habituada a ser conduzida. Li o material referente a este trabalho, e depois os outros textos do livro. Percebi que nem todos eles desobedeciam a essas regras, o que me gerou um certo alívio. O livro reúne poemas e textos teatrais e não teatrais, pensamentos de Müller sobre o teatro e a importância da resistência ao conservadorismo, as convenções cerceadoras das liberdades, violência, guerra, desigualdade social, morte, e sobre a humanidade e seu percurso na vastidão do tempo histórico. Poderia escrever mais sobre o livro de modo geral, e gostaria de em algum momento destilar algumas doses do veneno da poesia de Müller.

A leitura me suscitou impressões e sentimentos que não posso exprimir totalmente ou fielmente, um tipo de silêncio que só um livro que alcançou sua alma pode fazer. A leitura é como tomar um veneno em pequenas doses não letais, veneno que mata o passo que alimenta. A poesia do pós-guerra me inspira de modo muito especial. Preciso me ater a Medeia e ao texto específico deste trabalho por mais que seja bom, e certo modo um lugar quase seguro falar dessa leitura, deixo essa conversa para depois, até lá o veneno de Müller terá surtido melhor efeito.

Eu e Rubia nos encontramos algumas vezes no mesmo semestre para lermos juntas o texto *Margem Abandonada MedeaMaterial Paisagem com Argonautas* e, também, a tragédia de Eurípedes. A ideia era começarmos os ensaios para a montagem sobre Medeia. O texto de Müller e a tragédia funcionariam como disparadores para a criação. Assim surgiu um projeto em comum chamado *Onze*. Devido a várias dificuldades não conseguimos concretizar a peça naquele período. Então decidimos escrever para os editais de leis de incentivo a cultura da cidade. O projeto foi aprovado no edital Proex N 39/2018 do programa de ocupação da casa de cultura Graça do Aché. O processo de criação acontecerá depois que este trabalho for apresentado.

Por isso falarei da concepção do projeto e como a minha pesquisa se relaciona com nossa proposta.

Onze refere-se a uma montagem híbrida de teatro e performance. O texto da montagem estará no diálogo entre linguagens, na perspectiva de um teatro contemporâneo. Um texto que também parte do corpo em cena, de objetos e instalações. Refletimos sobre o destronamento da palavra e suas implicações para o ator e a recepção por parte do público. A peça pretende conversar com mulheres e homens de contextos sociais e políticos diferentes daqueles que nos acostumamos a encontrar no interior dos muros da Universidade. Uma oportunidade para analisarmos a recepção desse público de ideias sobre o feminino e seus diversos modos de expressão na sociedade. Em cena eu e Rubia traremos na personagem Medeia os questionamentos que o Tempo que vivemos exige.

O nome da peça surgiu de uma pesquisa, melhor dizendo, de um dado, que a cada onze minutos uma mulher é violentada no Brasil, segundo o Fórum de Segurança Pública do Brasil-FSPB 2016. Esse dado, sabemos, pode estar longe de ser a realidade, a quantidade real de mulheres vítimas de violência, de todos os tipos no nosso país são maiores.

Traremos Medeia para o presente para questionarmos os lugares construídos para nós mulheres na nossa sociedade. Por reconhecermos que a dominação masculina é um processo histórico, precisamos estabelecer diálogos para que mudanças realmente profundas possam acontecer.

Em cena transitaremos os diversos estados que Medeia nos possibilita, com duas atrizes interpretando a mesma personagem de formas diferentes e procurando ressaltar os aspectos críticos de sua passagem por diversos temas que atravessaram a história.

Tudo que digo ainda está no campo das reflexões. A cristalização dessas reflexões precisa mesmo passar pelo mundo das ideias. Pelas revoltas do cotidiano e necessidades de luta, de resistências que possam se tornar diálogos. Entre o texto da cena e o público.

O corpo feminino ainda está situado dentro de funções preestabelecidas, de um corpo sexualmente aceito e dócil, que cumpre as regras de uma sociedade que traduz a violência em “natureza”.

No dia oito de Setembro de 2017, o cetro do poder patriarcal o Estado, representado por homens, brancos, pertencentes a elite que se perpetua desde a chegada dos navios portugueses, aprovaram na Comissão Especial da Câmara dos Deputados a proposta de emenda constitucional PEC 181/15. O texto original da proposta que previa um aumento da licença maternidade havia sido modificado. De acordo com alterações feitas pelos parlamentares as mulheres perderiam o direito ao

aborto legal em casos de estupro, anencefalia do feto e gravidez que oferecesse riscos á vida da gestante.⁹

Recordo-me do enorme sentimento de humilhação que senti. Nós mulheres, cada uma de nós, estamos sujeitas a algum tipo de violência, inclusive a violência sexual. E mais uma vez, homens que ignoram as mulheres, e as relações dinâmicas que seus corpos estabelecem com o mundo e com a realidade que as cercam, decidiam sobre nossos direitos reprodutivos e sobre o nosso direito a Vida!

Esse episódio foi decisivo para a escrita do projeto. Ao evocarmos Medeia queremos construir um debate com mulheres e homens, sobre violência, feminismo, aborto e Imposições políticas conservadoras e religiosas, sobre o corpo da mulher brasileira, sobretudo da mulher negra, pobre, as que estão á margem social.

Com a peça teremos a oportunidade de questionarmos as raízes da dominação masculina na religião. Os valores religiosos que estão na política e influenciam as decisões que dizem respeito ao todo social. A história que Medeia delinea é na verdade o ponto de partida para uma reflexão que também está imbuída dos valores simbólicos que ela traz, enquanto arquétipo de negação do patriarcado.

Onze é o trânsito entre os mundos que Medeia habita os temas que perpassam sua existência no mito, na tragédia e no texto de Müller. Sua denúncia da condição da mulher e resistência. O que nos remete a possibilidade de falarmos sobre a mulher ao longo da história resgatando a memória da Inquisição e das várias demonstrações do medo que se construiu do feminino dotado de poder que ainda se manifesta nas estruturas do Estado.

Para falarmos de todos esses temas e traduzir *a realidade em outras formas*¹⁰, em linguagem que também é silêncio, cor, textura, som e visualidades transbordantes de sentidos, traremos elementos da teatralidade, instalação e performance como diálogo com o presente e com o pensamento em construção, em torno das diferentes expressões do feminino.

Foi necessário buscarmos referências em trabalhos que são experiências de teatro político contemporâneo que se relacionam com a proposta da montagem, dentre as quais quero destacar Demônio, trabalho do Coletivo Teatro da Pomba Gira, espetáculo de dança e performance cujas

9. Referência disponível em <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2075449>>

10. Reflexão do autor sobre o Realismo no teatro enquanto tradução da realidade em outras formas, o teatro no interior do conflito social também se estabelece nas diferentes linguagens teatrais e as formas que o texto pode ganhar a partir delas. MÜLLER, Heiner, *Medeamaterial* e outros textos. Trad. Fernando Peixoto. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1993, p. 85

concepções estéticas refletem questões que também estarão presentes em Onze. Como exemplos, aponto a objetificação dos corpos e dos sexos e a crítica as estruturas de poder patriarcais que uniformizaram a forma como mulheres e homens lidam com as manifestações do feminino. Estabelecemos paralelos entre linguagens que possibilitam questionar através do nosso trabalho de atrizes e pesquisadoras, os mecanismos de poder que pretendem determinar feminilidade e masculinidade em padrões de comportamentos opressivos.

Daremos início ao processo de criação e produção da peça Onze no mês de novembro de 2018. Portanto este trabalho ainda está em aberto. Entre o texto de Müller e as tragédias do nosso tempo. Num diálogo em que o público também compõe a cena. Construindo textos próprios a partir do contato com os elementos de instalação, objetos que se configuram como formas de textos que nos permitem compartilhar e construir sentidos para a cena. O ensejo à liberdade que encontramos nos textos de Müller.

Invocaremos Medeia mais uma vez, sua voz falará do presente, mas seu eco vem do passado. No centro do palco uma mulher está sentada de costas, seu vestido preto de rendas delicadas está desalinhado. Ela é Medeia e segura um filho nos braços.

Mais uma vez ela vem nos contar das suas andanças sobre esta Terra e dos lugares de onde veio. Ela que esteve em tempos tão antigos habitando os céus noturnos, poderosa feiticeira. Dia e noite divaga, lamentando o lugar perdido nos corações humanos. Tenebrosa lança seu olhar maldito aos homens que, infiéis, lhe roubaram o amor de suas filhas. Por Hécate mais uma vez ela canta, e volta-se contra os céus, reclama suas bem-amadas, guerreiras, mulheres, feministas!

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Poética*. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian 2008 p, 10-30. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira.
- ARRIADA, Eduardo. “Uma história dos sem nomes: a visão de história em Walter Benjamin”. In: *ASPHE*, FaE/UFPel, Pelotas, n 14, p.195-2009, set 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CALDAS, Thais Evangelista. “Os Argonautas, de Apolônio de Rodes, e a tradição literária”. *Codex*- v.1, n.2, 2009, p.85-104
- EURIPIDES. *Medeia*. Disponível em: <<https://www.lendo.org/wpcontent/uploads/2007/06/medeia.pdf>> Acessado em 21 mai 2018.
- GALISI, Filho José. *A constelação do zênite: imaginação utópica e histórica em Heiner Heiner Müller* (anos setenta e oitenta) Campinas 1995, p. 13-117.
- GOMES, Pestana Ana Beatriz. *Um teatro filosófico e uma filosofia teatral Heiner Müller e Hannah Arendt*, p.28 disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/9968> Acessado em 22 mai 2018.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Curitiba-PR: Segesta, 2012. Disponível em: <http://www.segestaeditora.com.br/download/ostrabalhoseosdias.pdf> Acessado em 21 mai 2018.
- JUNG, C. Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- KOUDELA, Ingrid. “Os Fantasmas de Heiner Müller”. In: *Revista USP*, São Paulo, pp 182-185, Setembro/Novembro 1997.
- MULLER, Heiner. *Medeamaterial e outros textos*. Trad. Fernando Peixoto. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1993.
- RINNE, Olga. *Medéia: O direito à Ira e ao Ciúme*. 9a edição, São Paulo: Cultrix. 1999.
- RODRIGUES, Junior, F. “O heroísmo de Medeia nas Argonáuticas de Apolônio de Rodes”. In: *Archai*, n.o 22, Jan.-Apr., 2018, p. 229-253.
- SANTOS, Adilson. “A tragédia grega: um estudo teórico”. In: *Revista Investigações - Teoria da Literatura*, v 18 n 1, Linguística e teoria literária. Programa de Pós Graduação em Letras da UFPE Recife, 2005.
- SCHMITT-PANTEL, Pauline. “A criação da mulher: um artil para a história das mulheres?”. In: MATOS, Maria Izilda & SOIHET, Raquel. *O corpo feminino em debate*. São Paulo, Editora da Unesp, 2003, pp 129-156
- SOUSA, Alves Dolores: “A Feiticeira Medeia: razão, loucura e filosofia na Grécia antiga”, p.2. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH*. São Paulo, julho 2011.
- VERNANT, Jean-Pierre. *O universo, os deuses, e os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.